



**TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR INDÍGENA  
KAMBEBA**

**TRAJECTORIES AND MEMORIES OF A KAMBEBA INDIGENOUS  
TEACHER**

Tomé Cruz<sup>1</sup>  
Jeiviane Justiniano<sup>2</sup>

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Meu nome é Tomé Cruz, na língua materna, significa *Wika Kurusu*. Sou filho de Valdomiro Cruz e de Arcencionia Cartemare dos Santos, sou do povo Kambeba, minha terra de origem é a Aldeia Igarapé Grande, localizada no município de Alvarães, no estado do Amazonas, no Médio Solimões.

Para mim, é muito importante afirmar a minha identidade como o protagonismo e a ancestralidade do meu povo. Tenho atualmente três filhas, Tainara da Costa Cruz, Tailane da Costa Cruz e Tauana da Costa Cruz. Também já morei na Aldeia Jaquirí, no município de Uarini/AM, onde construí o meu processo formativo e a minha percepção de vida. Foi nessa aldeia onde comecei a trabalhar como professor indígena no dia 18 de abril de 2004, foi o meu primeiro contrato como professor na escola São Tomé, minha turma era multisseriada, da educação infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental. Era um desafio, mas era também uma oportunidade de mostrar que eu era capaz de me tornar um grande professor.

---

<sup>1</sup>Professor da Escola Indígena Kambeba Kanata T-ykua. Aluno do Curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas em parceria com a Secretaria Municipal de Manaus. E-mail: [tome.cruz@semed.manaus.am.gov.br](mailto:tome.cruz@semed.manaus.am.gov.br)

<sup>2</sup> Professora Doutora da Universidade do Estado do Amazonas, formadora do projeto Oficinas de Formação em Serviço da Secretaria Municipal de Manaus e da Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, orientadora deste trabalho. E-mail: [jjustiniano@uea.edu.br](mailto:jjustiniano@uea.edu.br)



A multisseriação é um fenômeno muito presente nas escolas indígenas. Porque as comunidades são pequenas, suas escolas têm poucos professores e alunos e, portanto, em uma mesma sala de aula, tem-se, freqüentemente, alunos de faixas etárias e níveis de escolarização diferentes e competências variadas. O que eu tenho observado é que a sala de aula multisseriada não chega a ser um problema tão dramático para os professores indígenas como o é para a maioria de nós (Maher, 2006, p. 28).

Sempre a aldeia me apoiava em todos os trabalhos que eu realizava na escola e na comunidade, a ajuda do meu pai foi o ponto mais importante de toda a minha caminhada como professor: o incentivo, as palavras de apoio os gestos de confiança que depositava em mim. Ele me falava que eu ia conseguir sempre os meus objetivos, porque eu tinha sempre um planejamento de vencer na vida. Isso me deixou muito mais confiante no que eu estava fazendo e onde eu queria alcançar.

Passaram-se quatro anos e fui chamado para ser assessor de área na calha do Rio Japurá, coordenando as práticas pedagógicas e me tornando uma grande referência como professor indígena pelo trabalho que era desenvolvido junto com os professores ribeirinhos daquela região. Em 2013, vim para a Aldeia Três Unidos, no rio Cuieiras, em Manaus, para trabalhar na escola Kanata T-ykua, onde o professor Raimundo Cruz da Silva já era o gestor. Destaco que eu já morava antes nesse local, na aldeia Três Unidos, e só depois eu fui para o Médio Solimões e retornei novamente ao rio Cuieiras onde moro até hoje.

Atualmente, trabalho com uma turma multisseriada de 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, gosto de trabalhar com a minha profissão, valorizando e fortalecendo o meu povo, formando alunos líderes para a vida em sociedade, no intuito de garantir a permanência e o protagonismo do meu povo.

Escrevo este memorial para registrar um pouco da minha história como indígena e professor Kambeba.

## **CAMINHOS DA DOCÊNCIA**



Hoje tenho certeza que toda minha história sempre um grande propósito na minha vida pessoal, familiar, social e profissional, tornando-me um grande conhecedor e vencedor na vida. Proponho-me, a cada dia, descobrir um novo horizonte na vida como professor indígena, as minhas raízes e minha ancestralidade me tornam cada vez um protagonista da minha própria história.

Estou cursando Licenciatura em História pela Universidade Paulista (UNIP); Curso Tecnológico em Turismo pela Nilton Lins, Gestão de Projetos e Formação Docente pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e Pedagogia Intercultural pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Para me tornar professor, eu fui suplente do professor Antônio Sião Barbosa. De 2002 até 2003, fiquei trabalhando na sala de aula enquanto o professor atual fazia o curso superior, no município de Alvarães/AM, pelo Proformar, Programa de Formação e Valorização dos Profissionais da Educação, ofertado, na época, pela UEA (Silva; Zogahib, 2015). Então, comecei a gostar e ter interesse em trabalhar como professor na escola São Tomé na aldeia Jaquirí, foi bem difícil por que eu nunca tinha trabalhado em uma sala de aula, como eu ia planejar as aulas para meus alunos, já que a partir daquele momento era minha responsabilidade de ensinar as crianças; com isso, fui me organizando aos poucos.

Quando foi em 18 de abril de 2004, o professor Antônio Sião assumiu o Núcleo de Educação Escolar Indígena no município de Alvarães, e eu fui escolhido para ficar no cargo como professor, senti-me muito feliz porque a comunidade estava me valorizando para me tornar o novo professor da minha aldeia, sempre com o apoio dos meus pais Valdomiro Cruz e Arcencia Cartemari dos Santos.

Meu pai, nessa época, me disse:

Meu filho, faça um bom trabalho, seja que nem seu pai, não sei escrever, mas nunca corri do meu trabalho, o lápis e o terçado, e a caneta e o machado, o livro e a terra. Escreva meu filho a tua história porque eu remava duas ou três horas para alguém escrever ou ler uma carta. Enquanto eu estiver vivo, você tem meu apoio (Ensinamentos do meu pai, o senhor Valdomiro Cruz).



Fui contratado pela SEMED de Alvarães, fiz um ótimo trabalho apesar de o pagamento atrasar bastante, mesmo assim não parei de ministrar aula. Nesse período, construí minha vida familiar, casei, tive três filhas e a responsabilidade só aumentava, minha esposa me deu bastante força e incentivo na função de professor. Todos da Secretaria Municipal de Alvarães gostavam do meu trabalho, porque eu trabalhava com práticas pedagógicas; naquela época já se trabalhava a interculturalidade, um conceito, na minha perspectiva, que promove as resoluções de comunicação entre as práticas pedagógicas em consonância com a nossa cultura, estimulando a interação, a compreensão e o respeito entre as diferentes culturas. A interculturalidade, muito trabalhada na pós-graduação a partir de Candau (2010), começa quando nós nascemos, quando conhecemos a vivência do nosso cotidiano, do nosso povo, na orientação da família, na convivência com os colegas, na pescaria, na roda de conversa, no trabalho comunitário, no plantio do roçado, na fabricação da farinha, no nosso território, na língua materna, nas danças tradicionais, na fabricação do artesanato, na utilização do arco e flecha, na conversa com os anciãos, na espiritualidade do nosso povo, no contato com a natureza, na cosmologia ancestral, no concreto e no abstrato da nossa cultura. Enfim, a interculturalidade é tudo aquilo que vivenciamos e fazemos em nosso dia a dia.

No contexto da escola indígena, há também as práticas interdisciplinares que buscam a intersecção entre conteúdos de duas ou mais disciplinas, com uma visão mais ampla, procurando romper com os padrões tradicionais na construção do conhecimento que favorece análises críticas em diversos contextos, buscando interagir todos os conteúdos que facilita a compreensão e respeita a identidade cultural da nossa língua materna. O povo Kambeba tem uma gama de conteúdo que a interdisciplinaridade abre uma interação e abrange a interlocução com o nosso cotidiano, não se constituindo somente de disciplinas, mas ganhando também um contexto de vida e respeitando as diversas compreensões de nossas práticas



pedagógicas. Isso confirma que: “cada povo indígena que vive hoje em nosso país é dono de universos culturais próprios, constituído por uma grande variedade étnica com histórias, saberes culturais e, na grande maioria, línguas próprias” (ALBUQUERQUE, 2009).

Quando foi em fevereiro de 2008, a minha aldeia passou a ser do município de Uarini/AM. Fui também contratado pela SEMED daquele município, onde o senhor secretario Edivilson Lopes nos recebeu muito bem, com respeito, dando todo apoio para nós, professores indígenas. Nesse período, estávamos no curso de formação de professores indígenas Pirayawara, magistério indígena ofertado pela Secretaria de Educação do Estado do Amazonas, recebendo apoio para dar a continuação ao curso. Essa formação foi esperada por muito tempo; com a nossa participação, se abria um novo contexto de conhecimento para trabalhar em sala de aula. Isso não era bom para as secretárias de educação dos municípios porquê e abria uma gama de conhecimentos e novos olhares para a Educação Escolar Indígena. O projeto de formação de professores indígenas Pirayawara tinha o objetivo de formar a categoria de professores indígenas para trabalhar em suas aldeias:

O projeto Pirayawara foi criado no Governo de Amazonino Mendes no seu segundo mandato (1995 – 1998), esse projeto consiste na atuação de formação de professores indígenas para atuarem em suas respectivas comunidades, seu diferencial é a prioridade da língua materna.

O projeto Pirayawara tem como objetivo de assegurar condições de acesso escolar à população indígena e prover o ensino básico conforme a Constituição Federal e a LDB 1996 em seu art. 78 afirma que a educação escolar para os povos indígenas deve ser intercultural e bilíngue para a reafirmação de suas identidades étnicas, recuperação de suas memórias históricas, valorização de suas línguas e ciências, além de possibilitar o acesso às informações e aos conhecimentos valorizados pela sociedade dos tempos contemporâneos, o Governo do Estado do Amazonas por meio da Secretaria de Estado de Educação (Seduc) tem desenvolvido e intensificado as ações do projeto Pirayawara, cujo foco é a formação e capacitação de professores indígenas (DEVEZA, 2019, p. 41-42, com adaptações).

Essa formação de professores foi o ponto mais importante que garantiu o nosso reconhecimento da categoria professor indígena e a contratação em serviço.



Apreendi muito durante os seis anos de formação. Tornei-me coordenador da minha área educacional, trabalhando com professores da zona ribeirinha, fiquei até julho de 2013 trabalhando na aldeia Jaquirí. Nesse período, meus pais não moravam mais na lá, me senti sozinho e junto com minha família decidi vir atrás do meus pais no Rio Negro, município de Manaus, no mesmo ano.

Chegando à aldeia Três Unidos, falei com meu pai e, nesse período, o professor Raimundo Cruz, meu primo, estava precisando muito de um professor para trabalhar na escola e me perguntou se eu não queria ser professor junto com ele, eu disse que aceitava. Então, eu fui fazer o seletivo em Manaus, com quinze dias, saiu o resultado, eu fui classificado e fui contratado em julho de 2013. Ainda tive que voltar à aldeia Jaquirí e à SEMED de Uarini para pedir o cancelamento do meu contrato, a Secretária de Educação, na época, a professora Socorro, não quis me demitir por eu fazia um trabalho de excelência como professor, mas mesmo assim, ele me entendeu.

Dez de agosto de 2012, saí de vez da aldeia Jaquirí, vindo morar, de forma permanente, na aldeia Três Unidos, no rio Cuieiras/AM, com toda minha família. Nesse novo espaço, começo um novo projeto educacional e uma nova proposta curricular voltada à realidade da aldeia, onde a língua Kambeba, os saberes tradicionais e os valores culturais se tornavam cada vez mais fortes, transformando a escola Kanata T-ykua em uma referência para a Educação Escolar Indígena Kambeba, com mais visibilidade.

No final de 2013, com o trabalho pedagógico diferenciado, nos tornamos a escola referência para a SEMED, UNESCO, UNICEF, para as redes de TV, para a Nova Escola. Eu, como professor, me perguntava: *somos capazes de fazer o contexto e o sistema mudarem e ver o resultado do que estamos fazendo como professor indígena?* Na época, trabalhava com projetos societários, que contavam com a participação dos pais, eu fui ganhando espaço como professor e, em poder ter um trabalho reconhecido, só aumentava, cada vez mais, a minha confiança.



## A SALA DE AULA COMO TERRITÓRIO DOCENTE

Meu trabalho como professor me tornou ainda mais um profissional com metodologia diferenciada na minha escola. A escola não é somente a estrutura física, mas também o território que ocupamos.

A experiência escolar [...] se mostra importante instrumento de territorialização na medida em que se fez instância organizadora da coletividade, contribuindo para a consolidação identitária, tanto própria como dos indígenas, através da incorporação dos saberes e práticas indígenas em suas atividades e da abertura de novos canais de tomadas de decisões [...] (Rodrigues, 2018, p. 406).

Trabalho com leitura de palavras, leitura de frases, leitura e escrita de texto na língua materna; socialização dos mais idosos com os alunos, contando as histórias, vivenciando o passado e o presente, para que possamos despertar e repassar a nossa história; fazemos competição de arco e flecha, canoagem; pesquisa de campo, conhecendo as árvores e plantas medicinais; coleta de frutas para o consumo; pescaria e banho de rio. Há atividade também como subir nas árvores; desenho e pintura local; confecção de artesanato, roupa kambeba, comida e bebida tradicional; as danças, pinturas corporais, usando o grafismo; fabricação da farinha, roçado, limpeza da aldeia; contagem dos numerais na língua kambeba; turismo na escola; o respeito pelo outro na aldeia; trabalho com música, com banda musical, o grupo Kambeba Seiuka.



**Figura 1** - Professor Tomé Cruz e sua turma – Aula no rio Cuieiras



**Fonte:** Tomé Cruz (2023)

**Figura 2** - Professor Tomé Cruz e sua turma – Aula na floresta



**Fonte:** Tomé Cruz (2023)

Desenvolvemos também encontro de painéis, onde todos da comunidade estão juntos; o trabalho comunitário; roda de conversa; o conhecimento das tecnologias no mundo digital; meu direito e meu dever na escola e na aldeia; enchente e seca da nossa aldeia; a fabricação do açaí.



**Figura 3** - Turma do Professor Tomé Cruz – Aula de Leitura



**Fonte:** Tomé Cruz (2023)

**Figura 4** - Professor Tomé Cruz e sua turma – Aula Produção Escrita



**Fonte:** Tomé Cruz (2023)

Todos os pais participam da vida educativa dos seus filhos, que o nosso trabalho possa formar e atingir de forma positiva a formação de novos líderes para lutarem e



defenderem o nosso povo, que possamos ser o protagonista de referência para nossa aldeia, que nossas crianças possam ser a existência e o futuro amanhã.

### **FORMAÇÃO CONTINUADA – CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO GESTÃO DE PROJETOS E FORMAÇÃO DOCENTE**

O curso de formação continuado em serviço, ofertado pela Especialização Gestão de Projetos e Formação Docente, realizado pela Universidade do Estado do Amazonas em parceria com a Semed Manaus, de 2021 a 2023, me proporcionou inúmeros conhecimentos tanto profissional quanto pessoal. Eu adquiri novos aprendizados e tudo que absorvia me ajudou a implementar meus métodos pedagógicos inovadores para trabalhar em sala de aula.

**Figura 5** - Momento de Aula da Especialização Gestão de Projetos e Formação Docente na Escola Kanata T-ykua



**Fonte:** Justiniano (2021)

As aulas foram muito importantes e de acordo com a vivência contextualizada com a nossa cultura. As oficinas, a de Alfabetização Bilíngue e a de Política Indígena, foram com bastante êxito, permitindo a reflexão do nosso cotidiano e trazendo as práticas de ensino para a docência Kambeba. Em cada período, eu senti o valor de



estar cursando uma formação que potencializou e respeitou a identidade cultural do meu povo e da minha história.

Destaco também que a especialização deu ênfase no meu trabalho como formando nas graduações em que faço e apresentou assim um bom resultado porque aprendemos bastante, permitindo a reflexão do contexto hoje em que vivemos.

O projeto formativo, construído coletivamente por todos os professores do curso em 2022, mediado pela professora Jeiviane Justiniano, intitulado *O currículo vivenciado na Escola Indígena Kambeba Kanata T'ykua: promovendo o diálogo intercultural entre os saberes tradicionais e universais*, acredito que buscou inovar e formar cada um de nós com conhecimentos universais, conhecimentos atuais, e também com a nossa própria cultura. Esse projeto teve como fundamento a seguinte realidade:

A Educação Escolar Indígena tem como base os princípios da interculturalidade, do bilinguismo, da educação diferenciada, da coletividade, da valorização cultural e linguística. A Escola Municipal Kambeba Kanata T-ykua, localizada no rio Cuieiras, na comunidade Três Unidos, na cidade de Manaus, inserida nesse contexto educacional, apresenta como proposta de suas práticas pedagógicas cotidianas o diálogo entre os diferentes saberes, na simetria, entre os saberes tradicionais e os saberes universais, estes categorizados pelos docentes da escola como os conhecimentos não indígenas. Gestor, docentes e comunitários protagonizam em suas aulas e atividades a valorização da cultura e da língua Kambeba, no processo de manutenção do pertencimento étnico. No viés da interculturalidade indígena, buscam o diálogo entre as diferentes perspectivas de mundo, com base na necessidade de construção de um currículo escolar intercultural, que possa valorizar também a ancestralidade ameríndia. Esse espaço educacional atende da educação infantil aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com salas multisseriadas, onde atuam alunos e professores indígenas da própria comunidade. Trata-se de um ambiente central da aldeia, com ações decididas e realizadas de forma coletiva que ultrapassam os espaços físicos da escola, pois, nela, são deliberados os projetos que atingem a todos os indígenas, desde a formação política, a revitalização linguística até a introdução do turismo na comunidade (Projeto Formativo da escola Kanata T-ykua: *O currículo vivenciado na Escola Indígena Kambeba Kanata T'ykua: promovendo o diálogo intercultural entre os saberes tradicionais e universais*, 2022, p. 01).



Cada etapa dessa proposta foi importante para o aprendizado, para o conhecimento, para o fortalecimento dos nossos planos pedagógicos. O projeto buscou em cada oficina pedagógica inserir novas práticas didáticas, uma base pedagógica para compreender o nosso trabalho.

**Figura 6** - Professor Tomé na Oficina de Movimento Indígena – Especialização Gestão de Projetos e Formação Docente



**Fonte:** Justiniano (2022)

Na última etapa do curso, no primeiro semestre de 2023, construímos e desenvolvemos também coletivamente o projeto de aprendizagem cujo foco foi trabalhar a Espiritualidade Kambeba. Esse projeto foi desenvolvido juntamente com nossos alunos, na nossa escola, com a participação do Tuxaua da aldeia e de outras lideranças que ensinaram nossos saberes no contexto da espiritualidade que dialoga com a formação da pessoa Kambeba. Nossa matriarca também participou do projeto assim como os próprios comunitários, a família.

Este projeto de aprendizagem da Escola Municipal Indígena Kambeba Kanata T-ykua, localizada na comunidade Três Unidos, no rio Cuieiras, na cidade de Manaus/AM torna-se importante, no contexto da especialização Gestão de Projetos e Formação Docente, para fortalecer os conhecimentos tradicionais, os valores do povo, para formar as crianças em novos guerreiros Kambeba, além de revitalizar os conhecimentos tradicionais da Espiritualidade Kambeba. Pretende-se, com esta proposta coletiva, trabalhar a interculturalidade da espiritualidade a partir dos saberes tradicionais e saberes universais, considerando, para isso, a transposição didática que deverá articular pedagogicamente as condições formativas que a espiritualidade proporciona ao ser Kambeba, visto que buscar a



espiritualidade é construir e fortalecer o ser Kambeba (Projeto de Aprendizagem da escola Kanata T-ykua: *A Espiritualidade Kambeba*, 2023 p. 01).

Eu acredito que o projeto deixou bem claro que a construção da aprendizagem é coletiva porque as atividades desenvolvidas somaram com a realidade da comunidade. Os alunos fizeram apresentação de música, teatro representando a espiritualidade Kambeba, desenhos, grafismo, artesanato. Deu uma ênfase muito grande na parte pedagógica e os alunos conseguiram alcançar os objetivos do projeto. Nós professores também porque o nosso objetivo é fazer com que os nossos alunos comecem a interagir, ver o interesse e a disponibilidade deles, ver que eles estão ali na escola para participar. Nisso, começa o trabalho de educação coletiva, do processo de conhecimento na escola e também se torna um território deles de aprendiz. Assim, os alunos começam a conhecer melhor aquele local, aquela realidade e o que é importante da cultura indígena Kambeba.

As etapas da formação proporcionadas pelo curso de especialização foram muito significativas para a Educação Escolar Indígena Kambeba.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Eu acredito que o meu trabalho é importante porque vem mostrar um pouco da minha história, da cultura indígena no local em que eu vivo, é muito importante também para o meu fortalecimento, o meu compromisso e a minha responsabilidade. Hoje, a “Pós-graduação Gestão de Projetos e Formação Docente” me traz uma inovação, traz um respaldo para mim, eu acredito que tudo isso que foi colocado neste memorial revela o interesse em fortalecer a minha história e mostrar quem eu sou, como procuro trabalhar as práticas pedagógicas no meu contexto como profissional, como educador, como professor que busca a cada dia trazer a história do cotidiano Kambeba para a vivência na sociedade em que vive.



Além disso, escrever este trabalho permitiu também deixar a minha marca e a minha história como professor e pesquisador, como professor inovador que trabalha a interculturalidade, a interdisciplinaridade, que busca, dentro da escola indígena e dentro do meu território, fazer com que o povo se fortaleça, para ganhar espaço, para que a nossa história seja um protagonismo vivo e a nossa força se multiplique dentro do meu trabalho.

Eu acredito que tenha suma importância tudo isso, não só por mim, mas também para o coletivo. É uma história vivenciada na qual não cabe só a minha prática pedagógica, mas também está inserido o meu povo, a minha ancestralidade, a minha força e o poder de luta que também é poder da leitura, o poder da escrita na língua indígena.

A escola é um coletivo, é o fortalecimento da nossa luta para formar líderes, alunos líderes, que defendam meu povo, minha história e os meus direitos indígenas. Retratar, nestas páginas, essas questões permite deixar a minha cultura firme, mais forte para que, no amanhã, as pessoas, ao olharem a minha história, conheçam a nossa luta para a valorização da nossa cultura, da nossa língua, da nossa aldeia. Para que a minha história seja contada amanhã, para que, no seja lembrada. Para que o futuro conheça o caminho que nós professores indígenas seguimos para ter uma Educação Escolar Indígena, para onde seguimos. A nossa história começa e não tem tempo para terminar.

Muito obrigado! E agradecendo também toda a equipe da pós-graduação da UEA, a professora Jeiviane Justiniano, que, nos momentos de interação, das aulas, buscou o que é de melhor para nós, a interatividade foi tão importante, a professora levou novos olhares, novos mecanismos de conhecimento. Eu acredito que, durante esse período de dois anos, a nossa voz abriu espaço muito grande para o conhecimento da nossa cultura indígena, trouxe o fortalecimento com essa prática pedagógica, com as oficinas, com os trabalhos práticos das OFS. Então, tudo isso



teve uma grande repercussão nas minhas práticas pedagógicas, no meu conhecimento e no meu trabalho, me fez fortalecer cada vez mais, muito obrigado professora, nota 1000 a toda equipe, eu acredito que isso é construção.

O final da pós-graduação teve um grande incentivo do meu antepassado que foi meu avô Valdomiro Cruz e minha avó Arcencionia Cartemare dos Santos, eles foram a grande inspiração para que eu pudesse cursar a especialização. Minhas filhas também sempre me apoiaram muito, o professor Mário Cruz também, meu irmão, com quem trabalhei em equipe, a professora Raynete da Silva também, tudo isso teve incentivo do nosso grupo, o grupo dos professores da escola Kanata. Todos incentivaram muito o meu trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Interdisciplinaridade x Interculturalidade: uma prática pedagógica Apinayé. **Revista Cocar**, v. 3, n. 6, p. 19-30, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/22>>. Acesso em: 20 de ag. 2023.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Revista Diálogo Educacional**, p. 151-169, 2010. Disponível em: <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981416x2010000100009&script=sci\\_abstract&tlng=en](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981416x2010000100009&script=sci_abstract&tlng=en)>. Acesso em: 20 de abril 2022.

DEVEZA, Nildson Carlen de Lima. **A educação escolar indígena: um olhar para a formação e profissionalização de professores indígenas da educação básica de Tonantins – AM**. 73 f. TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Pedagogia) Universidade Federal do Amazonas, 2019.

MAHER, Terezinha Machado. Formação de Professores Indígenas: uma discussão introdutória. In: Grupioni, Luís Donisete Benzi (Org.) **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Coleção Educação para todos. Brasília, DG: Edições MEC/UNESCO, 2006.



RODRIGUES, Gilberto César Lopes. QUANDO A ESCOLA É UMA FLECHA Educação Escolar Indígena e Territorialização na Amazônia. **Revista Exitus**, v. 8, n. 3, p. 396-422, 2018. Disponível em: <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2237-94602018000300396&script=sci\\_arttext](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2237-94602018000300396&script=sci_arttext)> . Acesso em: 09 de set. 2023.

SILVA, Caio Henrique Faustino da; ZOGAHIB, André Luis Nunes. PROFORMAR: uma experiência amazônica em política pública educacional. **Revista Intersaberes**, v. 10, n. 19, p. 110-125, 2015. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/688>. Acesso em: 15 de ag. 2023.